

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). 2005. *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*. João Pessoa: Editora Universitária / Edições do GREM. 107p.

Ricardo Bruno Cunha Campos

O livro *Medos Corriqueiros e Sociabilidade* é composto por nove ensaios, organizados e coordenados pelo professor Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Nele encontramos reflexões e os primeiros resultados dos trabalhos desenvolvidos e em desenvolvimento no GREM – Grupo de pesquisa em Antropologia e Sociologia de Emoção, na pesquisa *Medos Corriqueiros: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade*.

Os ensaios buscam compreender e decifrar a sociabilidade, os processos culturais contidos no cotidiano das relações, e os usos dos espaços existentes, sob a ótica do medo, tendo como *locus* a cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. O medo, enquanto conceito, é considerado como um sentimento presente em qualquer sociabilidade, e um importante instrumento analítico para se compreender a sociabilidade urbana contemporânea.

O conceito de medo, enquanto incentivador e definidor de possíveis ações sociais nos e entre os indivíduos, revela-se de fundamental importância para o entendimento das conformações e dos processos de configuração e reconfiguração das cidades, e da vida social do indivíduo urbano no Brasil. O conjunto de ensaios procura desvendar como o medo aparece no imaginário dos cidadãos e é transposto no real vivido pelos mesmos, enquanto conhecimento de si próprios e dos outros, individuais ou em grupo, com que se defrontam cotidianamente no processo de inter-relação societária.

Os ensaios, bem concatenados, se fundem nas premissas teóricas acima relatadas, ao mesmo tempo em que ampliam os horizontes compreensivos para a análise da cidade de João Pessoa. Variam, porém, enquanto local base de pesquisa, situando-se em ruas, bairros populares e de classe média, em um parque e em um movimento social urbano.

O primeiro dos ensaios é escrito pelo organizador da coletânea, e se intitula *Os Medos Corriqueiros e a Constituição da Sociabilidade na Cidade de João Pessoa*. O autor situa o conjunto dos ensaios, e apresenta o pano de fundo teórico-metodológico da pesquisa *Medos Corriqueiros*, que possibilita o leitor posicionar-se na discussão proposta.

Aborda a ação social dos indivíduos em seu sentido criador, traz o

conceito de segredo formulado por Simmel, onde o medo da traição faz com que os indivíduos busquem associar-se a outros criando projetos coletivos ou individuais, para reforçar a importância do sentimento medo e dos medos corriqueiros na análise antropológica. Análise, enfim, que se propõe a decifrar e compreender a construção e configuração do *ethos* de uma sociedade, através de olhares sobre a cidade de João Pessoa.

Os aspectos gerais da sociabilidade estudada sob a ótica dos medos corriqueiros, e suas peculiaridades se relacionam, enquanto categoria antropológica, e são trabalhadas junto a conceitos como o de vergonha em Norbert Elias e de estigma em Erving Goffman. Aqui o autor deixa clara a meta e proposição da coletânea, que visa situar o medo em seus diversos aspectos sociais a partir do imaginário do homem comum da cidade de João Pessoa.

O segundo ensaio intitula-se: *Medos corriqueiros e sociabilidade em Cruz das Armas*. Nele, Alessa Cristina P. de Souza faz uma síntese de sua pesquisa sobre a construção do medo e a sociabilidade entre os moradores de um bairro popular e de classe média baixa, e um dos mais antigos da cidade, o bairro de Cruz das Armas. Alessa fala da reestruturação por que o bairro passa e passou como resultado da urbanização recente e crescente de João Pessoa. Associa este processo ao desenvolvimento das cidades no mundo ocidental, trazendo autores como Benjamin, Menezes, Magnani e DaMatta como leituras diretrizes para a compreensão das mudanças nos hábitos e comportamentos do bairro.

A autora busca compreender a sociabilidade no bairro, através do processo de ruptura e ambigüidade entre as construções e representações modernas *versus* tradicionais presentes no comportamento dos seus habitantes. O bairro, enquadrado no processo geral de modernização e de uma cultura do medo e da violência, mostra diferenças no imaginário de seus habitantes mais pobres em relação aos mais abastados. Enquanto os moradores mais pobres fingem não ter medo em relação aos perigos que o *outro* possa proporcionar, e procurem conservar reatualizando os laços de comunidade e os aspectos de uma vida mais tradicional, os mais abastados assumem o imaginário midiático dos medos e redirecionam suas ações e comportamentos para um sentido mais individualista e de reclusão, estigmatizando certas áreas e pessoas do bairro.

O terceiro ensaio, de Maria Sandra Rodrigues dos Santos, também analisa um bairro popular da capital, o bairro da Ilha do Bispo. O ensaio intitula-se *Medo e cotidiano no Bairro da Ilha do Bispo*, nele, a autora, seguindo o movimento de estranhar o familiar caro a Gilberto Velho, mapeia as diversas áreas geográficas do bairro e seus marcos, observando o que ocorre entre os moradores mais antigos em relação a outros habitantes de certas áreas mais pobres do bairro. Descobre um processo de estigmatização e estereótipo em curso, dos moradores mais antigos em relação aos habitantes de ocupação recente nas áreas limites e mais pobres do bairro. Estes últimos são vistos através de estigmas de perigosos, violentos e ruins, pautados no sentimento de medo.

Medos corriqueiros que assumem formas ambivalentes no bairro. Ao mesmo tempo em que há um movimento no sentido de segregar o outro, considerado como estranho e usurpador, ocorre uma oscilação no sentido inverso, de formação de alianças e no reforçar dos laços sociais comunitários, com o outro considerado conhecido. O que serve para reforçar e restaurar valores considerados positivos, de identificação e pertença ao bairro, e dos moradores em relação à cidade.

Medos Urbanos e Sociabilidade em Tambaú, escrito por Anne Grabiele Lima Sousa, é o quarto ensaio desta coletânea. O ensaio reflete sobre Tambaú e as mudanças bruscas em sua conformação, advindas do crescimento e desenvolvimento da cidade. O que transformou o bairro, antes de gente simples, composto em sua maioria por pescadores unidos ainda em laços comunitários e tradicionais, em um bairro de classe alta, centro de lazer para toda a cidade e de grande heterogeneidade de indivíduos, em um bairro nobre, enfim, e de grande visibilidade na cidade de João Pessoa.

Há no bairro o exemplo das mudanças rápidas da modernidade, transformando uma vida social calma em agitada. Tambaú, um dos cartões postais da cidade, atrai vários personagens que nele atuam em apropriações e usos heterogêneos. A partir desta diversidade, a autora estuda a percepção e imaginário dos moradores do bairro sobre o medo. Divide os moradores em três categorias: os moradores antigos, morando desde os primórdios no bairro, os medianos, que chegaram quando o bairro já se urbanizava e desenvolvia, e os moradores recentes, que vieram para Tambaú já no seu contexto urbano atual. Os espaços mais pobres do lugar concentram a maior parte dos habitantes antigos, e é onde existe e ainda são remanescentes laços comunitários e sociais mais fortes. Os moradores mais abastados mostram maiores sinais do individualismo e da objetificação cada vez maior nas relações.

Através da percepção dos moradores, a autora apreende uma variedade de concepções sobre o bairro e a propósito do outro relacional. Os medos são percebidos de diferentes formas, orientando e recriando as ações dos distintos indivíduos e a sociabilidade do bairro. A autora reflete, ainda, sobre a banalização em relação a uma certa cultura da violência, sobre o medo e o estranhamento, e as argumentações a favor e contra o processo de modificação ocorrido e incessante no bairro, e que parecem orientar ações de diversos tipos entre os habitantes e usuários de Tambaú.

Andréia Vieira da Silva analisa o bairro dos Estados no ensaio *Medos Urbanos: um estudo de caso no Bairro dos Estados*. De recente fundação, datada de 1952, é um bairro de classe alta com fronteira com diversos bairros populares e carentes. A autora centra a análise tanto nos moradores, como nos que o frequentam, a partir de seus usos comerciais, de lazer e outros.

Andréia detecta o medo no imaginário de seus moradores, nas narrativas

sobre as fronteiras, e em relação aos que moram fora do bairro e além de suas fronteiras. Compreende o estigma com que estes são classificados, por serem desconhecidos e diferentes e, conseqüentemente, proporcionarem perigo. O que reforça o isolamento, como busca de segurança, os moradores do bairro fechando-se em suas casas, colocando cercas elétricas, muros altos e outras parafernálias de aparente proteção. A urbanização da cidade de João Pessoa, e em especial o processo vivido pelo bairro dos Estados, segundo a autora, parece legitimar uma outra forma de sociabilidade influenciada em larga escala pelo medo, e onde o ordenamento social parte de atitudes que levam ao isolamento e individualismo.

O sexto ensaio chama-se *A Rua como espaço de Sociabilidade e Medos*, de Francisco de Assis Vale Cavalcante Filho. O autor debruça-se sobre uma rua de um bairro de João Pessoa, o Mangabeira VII, composta por vários blocos de apartamentos. Parte da hipótese de que a rua é um espaço importante para o estudo e a análise da sociabilidade, e que nela a ambigüidade entre a semelhança e dessemelhança ocorre bem demarcada. Como espaço público dá-se a possibilidade do encontro com o estranho, o desconhecido e, ao mesmo tempo, há a o sentimento de pertença e de comunhão de valores e projetos comuns, dentro das inter-relações entre os vizinhos e próximos. Francisco percebe os embates e tensões entre diversos projetos na sociabilidade da rua, pautadas por um imaginário onde o medo atua como definidor, inclusive, do uso do espaço público. A cultura do medo é vista neste ensaio como abalizada pelos moradores, que utilizam, definem, rejeitam ou legitimam o espaço social e a sociabilidade existente.

O sétimo ensaio, *A personalidade em uma Rua do Bairro do Valentina de Figueiredo*, de Alexandre Paz Almeida, assim como o anterior, centra-se na análise de uma rua, só que no bairro de Valentina de Figueiredo. O autor se propõe a, a partir da rua, entender o processo de sociabilidade em um bairro popular, voltando-se para a ótica do medo, enquanto provocador de configurações e rearranjos sociais. O bairro estudado é recente, sua ocupação datando de 1980, na expansão dos conjuntos habitacionais em João Pessoa, feitos por instituições públicas, no caso, o Banco Nacional de Habitação e o Instituto de Previdência do Estado da Paraíba. Alexandre detecta a forte presença de raízes interioranas nos hábitos dos moradores, e de tentativas de preservação dos laços de sociabilidade mais coesos e homogêneos presentes na tradição. O autor mostra que na rua e no bairro de Valentina de Figueiredo, a sociabilidade existe ainda de maneira pessoalizada, apesar de estar inserida no patamar moderno da indiferença e impessoalidade, característicos das formações citadinas no Ocidente.

No ensaio seguinte, Patrick César da Silva estuda o Parque Solon de Lucena em busca de compreender o imaginário das pessoas que lá transitam, ou freqüentam, a respeito do próprio local enquanto espaço público. Intitulado *O*

Parque Solon de Lucena na visão dos seus usuários, o ensaio mostra o parque através das representações sociais dos habitantes da cidade de João Pessoa. O espaço é definido através de uma pluralidade de formas, de gentes e de usos, e no sentido, também de marco para a cidade, e para o sentimento de pertencer a ela.

O último ensaio, *A ocupação Urbana em João pessoa: Entre o estranhamento e a Convivência*, de Gabriela Buonfiglio Dowling, dedica-se à análise do movimento de luta pela moradia (MLM). A autora busca entender a sociabilidade e como as relações entre os indivíduos dentro dos espaços ocupados são construídas e, também, entre estes e os que estão fora do projeto coletivo do MLM. Discute o movimento através de uma articulação teórico-metodológica com a situação histórico-social das cidades sob a globalização capitalista, e o desenvolvimento cada vez mais rápido e excludente do processo de urbanização e crescimento das cidades, em especial a cidade de João Pessoa, onde o estranhamento, a competição, e o desconhecimento dos sujeitos aparecem como propulsores de uma nova sociabilidade.

Este livro é um esforço coletivo de análise de um grupo de pesquisas em antropologia, e tem o grande mérito de reunir ensaios interligados a um mesmo processo compreensivo das formas de sociabilidade hoje presentes na cidade de João Pessoa, do seu processo de transformação e criação social, bem como das possibilidades projetivas em direção às possibilidades de futuro em seus formatos e configurações. É um livro destinado a um público acadêmico, mas não só, interessando a todos aqueles que vivem e refletem sobre o destino das cidades no mundo atual e nas ações sociais que as constroem e dão significados.